

- MONTENEGRO, P. C. A (1994) **O Sentido de Aluno-Criança no Imaginário de Futuros Professores de Educação Física**. Rio de Janeiro: Dissertação de Mestrado.
- PINI, M. C. (1978) **Fisiologia Esportiva**. Rio de Janeiro: Guanabara.
- POTH, M. A. E. (1992) **A Mulher de meia-idade: escolhas e desafios para as mulheres maduras de hoje**. Rio de Janeiro: Rio Fundo.
- RICHARDSON, R. J. (1985) **Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas.
- REES, R. C. ; MIRACLE, A. W. (1986) **Sport and Social Theory**. Canada: Human Kinetics.
- SHAW, S. M. ; DURANTAYE. ; BOUILLIN-DARTEVELLE, R. (Eds.) (1992). **Feminist Perspectives on Leisure. Society and Leisure**, 15 (1).
- SPARKES, A. C. ; TEMPLIN, T. J. (1992) **Lifes histories and physical education teachers: exploring the meanings of marginality**. In Andrew C. SPARKES (Org.) **Research in physical education and sport: exploring alternative visions**. Londres: Falmer Press.
- TAFFAREL, C. N. ; FRANÇA, T. L. (1994) **A Mulher no Esporte: O Espaço Social das Práticas Esportivas e de Produção do Conhecimento Científico**. Santa Maria: Revista Brasileira de Ciência do Esporte.
- THOMAS, R. J. ; NELSON, J. K. (1990) **Research methods in physical activity**. Champaign: Human Kinetics.
- TUBINO, M. J. G. (1992) **Dimensões Sociais do Esporte**. São Paulo: Cortez.
- VILANOVA, M. (1992) **Pensar a subjetividade: estatística e fontes orais**. In Marieta MORAES (Org.) **História Oral**. Rio de Janeiro: Diadorim/Finop.
- YIANNAKIS, A. ; GREENDORFER, S. L. (1992) **Applied Sociology of Sport**. Canada: Human Kinetics.

MARCHA NICO LOPES

Alba Vieira¹; Ranah Manezenco¹; Adriane dos Santos²
Edmarques Costa²; Luciana Naves²; Michelle Miranda²

Introdução

A Marcha Nico Lopes, que ocorre anualmente na cidade de Viçosa desde 1928, transformou-se em uma das maiores e principais manifestações populares da região. Trata-se de um evento cultural que concentra um número significativo de pessoas as quais se reúnem para um momento, como nos lembra MARCELINO (1996), "*de brincadeira em que o vale-tudo é permitido, pois afinal, amanhã tudo volta ao normal*" (p. 69).

A transformação que a Marcha sofreu ao longo dos anos, não se deu somente em sua magnitude, mas, e principalmente, enquanto manifestação da cultura local.

Entendemos que foi importante nesse trabalho a interação entre os autores e os personagens imersos nesse contexto social. Nessa perspectiva, não somente os investigadores dão sentido ao seu trabalho intelectual, "(...) *os seres humanos, os grupos e as sociedades dão significado e intencionalidade as suas ações e as suas construções* (...) (MINAYO, 1994, p. 14). Dessa forma, os autores e o objeto de estudo (a Marcha Nico Lopes) estabeleceram relações, de forma definitiva, em diversos momentos, caminhando de forma dinâmica, para compreender a realidade.

Essa comunicação se estabelece em três momentos distintos. No primeiro momento procura-se contextualizar a Marcha ou seja, falar do local onde ela acontece.

No segundo momento, com base nos dados obtidos a partir de pesquisas realizadas junto ao Museu Histórico da Universidade Federal de Viçosa (UFV), Diretório Central dos Estudantes (DCE), TV Viçosa e uma entrevista com o neto do Nico Lopes, Geraldo Lopes de Faria, buscamos compreender o sentido/significado do nome atribuído à Marcha.

¹ Professoras do Departamento de Educação Física da UFV.

² Acadêmicos do Curso de Educação Física da UFV.

No terceiro e último momento, pretendemos através de um resgate histórico da Marcha Nico Lopes, compreender, a partir de sua origem, as mudanças que se processaram ao longo dessa história.

Com isso queremos compartilhar com o leitor nossas reflexões e expectativas acerca dessa manifestação cultural de lazer da cidade de Viçosa.

O Local

A cidade de Viçosa localiza-se na Zona da Mata de Minas Gerais, com uma área de 279 km² e conta com uma população com 57.450 habitantes, sendo que a população urbana, atualmente, consiste de 52.647 habitantes e a população rural, de 4.803 habitantes.

Segundo PANIAGO (1990), a cidade de Viçosa tem sua origem no esgotamento das minas auríferas de Ouro Preto e Mariana, no século XVIII, e na procura de terras para lavoura, sendo introduzida nas fazendas da região a cultura cafeeira. Com a queda do preço do café no mercado mundial, Viçosa passou por um longo período de declínio, sendo que as suas lavouras, pouco a pouco, foram transformadas em pastagens.

Viçosa experimentou um novo impulso quando um de seus filhos, Arthur da Silva Bernardes, tornou-se presidente do país e, enquanto tal, fundou na cidade a Escola Superior de Agricultura e Veterinária (ESAV) em 1926. Posteriormente, esta se transformou na Universidade Rural do Estado de Minas Gerais (UREMG, 1948), a partir de 1969, Universidade Federal de Viçosa (UFV).

A presença da ESAV trouxe uma série de transformações e mudanças sócio-culturais para a comunidade, a cidade, e microrregião. A subsistência da cidade que se baseava fundamentalmente na cultura do café, passou a se orientar para o comércio. Este comércio tem como público alvo os funcionários da UFRV, os quais detêm os melhores salários da localidade.

De acordo com PIMENTEL & RIBEIRO (1995), é a UFRV que condiciona a dinâmica dos grupos sociais de Viçosa. Percebe-se nitidamente o *status* que permeia o título de professor e as consequências desse fato no âmbito das relações sociais. Amparados pela projeção que a universidade lhes confere em nível nacional, esses sujeitos desfrutam de uma situação privilegiada na comunidade.

Sobre essa relação, pode-se dizer, sem medo de errar, que a cidade gira em torno da universidade e daqueles que fazem parte de sua estrutura, até mesmo porque Viçosa não conta com outras formas de captação de recursos, como, por exemplo, empresas ou indústrias.

Além disso, vale ressaltar que a universidade tem atraído para a cidade um número significativo de pessoas, não só de outras cidades do estado de Minas Gerais, mas também de diferentes regiões do país e do exterior. São eles os estudantes, uma população que, apesar de flutuante, exerce também sua influência na dinâmica e nos modos de vida em Viçosa.

PANIAGO (1990) relata que esta diversidade de pessoas, com diferentes tipos de educação e níveis sócio-econômicos, interagindo com a população local de raízes tradicionalistas, forma um complexo humano heterogêneo. Neste contexto, não são raras as divergências político-sociais e/ou religiosas com características de conflito, manifesto ou latente, que dão origem à subgrupos dentro dos grupos, em que uma convivência polida às vezes esconde uma rejeição sistemática.

É senso comum que as quatro pilastras, além de marcar a entrada da universidade, têm um significado implícito, é como se delimitassem dois territórios diferentes, duas realidades que dificilmente se encontram. Talvez, isso se deve ao fato de que nem sempre o conhecimento produzido pela UFRV reverte em benefícios à comunidade onde se insere, o que a torna um elemento necessário, porém externo à cidade. Coexistem dois "mundos" distintos no mesmo espaço geográfico.

Apesar dessas diferenças, algumas tentativas são identificadas no sentido de diminuir essa distância, principalmente no que se refere ao lazer. Um bom exemplo disso foi o ressurgimento da Marcha Nico Lopes.

Em 1928, Viçosa, como a maioria das localidades do interior da época, era uma cidade pequena, com 3000 a 4000 habitantes, e o único lugar aonde as pessoas iam, era a praça da Matriz "rodar o jardim", ou ir ao bar tomar cerveja e cachaça, jogando conversa fora.

Nesse mesmo ano é criada a ESAV, e chegam em Viçosa os primeiros estudantes para o curso superior de Agricultura. Os estudantes não fugiram à rotina da comunidade e também passaram a frequentar a praça e os bares. Entre eles estava Antônio Secundino de São José, proveniente de Patos de Minas. Ele se destacou na primeira turma por possuir uma sanfona, com a qual executava algumas marchas da época.

De acordo com FERREIRA (1988), Marcha, nesse sentido, significa um gênero de música popular urbana, nascida nos ranchos e cordões carnavalescos em compasso binário, cuja coreografia consiste num andar ritmado, em voltas.

Ao som das marchinhas da época, Secundino reunia uma turma de estudantes e ia para o bar do genro do Sr. Antônio Lopes de Faria, comer, beber e pedir a ele para "pendurar" a conta. O Sr. Antônio (Nico Lopes), que tomava conta do bar à noite e gostava muito de sanfona, recebia como "pagamento" algumas marchinhas em sua homenagem, tocadas pelo jovem Secundino com sua sanfona.

Muitas estórias são contadas sobre Nico Lopes, mitificando-o. Diz-se que ele não gostava de trabalhar, que tinha uma vida boêmia e era bebedor, de esquina de rua, de boteco. Porém, essas estórias não são verdadeiras, segundo informações da sua família.

Na entrevista concedida pelo Sr. Geraldo Lopes de Faria (neto de Nico Lopes) aos autores, como fonte histórica na realização deste trabalho, ele descreveu o avô como sendo uma pessoa muito agradável, comunicativa, prestativa e generosa. Era um homem boníssimo e as crianças gostavam muito dele. Tinha muitos amigos influentes na cidade. Sua camaradagem e seu espírito festivo cativava cada vez mais os estudantes que chegavam em Viçosa.

Em 1928, chegava a primeira turma de calouros à ESAV. Instituiu-se o período de "quarentena" - quarenta dias de trote, num dos quais Secundino, o tocador, pôs os calouros em círculo em frente ao alojamento, ao som da sanfona de oito foles. Ao final da quarentena, a marcha foi estendida até à cidade. Num sábado à tarde, o sanfoneiro colocou-os em fila e em seguida, pediu que eles arregaçassem uma perna da calça e saíssem marchando rumo à cidade, ao som das marchinhas tocadas por sua animada sanfona. Vale ressaltar que somente os homens participavam da marcha, a maioria vestido de mulher, inclusive a rainha, era um homem travestido.

De acordo com as informações obtidas na entrevista, o itinerário da marcha incluía a saída em frente ao dormitório da ESAV, caminhar pela avenida até a cidade, passando pelos bares, sendo que o último era o de Nico Lopes. Davam uma volta na praça da Matriz e paravam em frente a casa do pai de Arthur Bernardes. Os estudantes subiam até à varanda da casa, e de lá faziam seu discurso, supostamente escrito em um rolo de papel higiênico que ia sendo desenrolado, à medida que era "lido". Ao final, os calouros cumprimentavam os veteranos e ali acabava a marcha, voltando todos para a ESAV.

Querendo homenagear aquele que apreciava as suas marchinhas e nunca cobrava as dívidas dos estudantes, Secundino decidiu denominar a marcha "Marcha Nico Lopes".

No dia da Marcha também acontecia o Baile do Calouro, o qual era ansiosamente esperado por todos da comunidade e das redondezas de Viçosa. O motivo era um só: a ausência de mulheres na ESAV. As moças da região participavam com muito entusiasmo, perspectivando um futuro casamento. Tal sentimento não se restringia às mulheres, mas se estendia aos homens que compartilhavam desse desejo. Estabelecia-se, assim, um vínculo maior entre as duas comunidades, acadêmica e viçosense.

A partir de 1951, com a criação do curso de Economia Doméstica, as primeiras mulheres ingressaram na UREM. Nesse mesmo ano, nota-se a presença feminina entre os integrantes da Marcha.

Com o sucesso da Marcha Nico Lopes e a vivência lúdica que ela proporcionava, os veteranos passaram a organizá-la todos os anos, com o objetivo de promover o conagração entre

veteranos, calouros e a comunidade. Não se pode dizer ao certo que o objetivo era alcançado, entretanto a Marcha se consolidou, tornando-se uma tradição.

Contrariando algumas informações, que diziam que Nico Lopes participava da Marcha, sendo carregado pelos estudantes, seu neto afirmou que ele apenas esperava os estudantes no bar, com a disposição de sempre em vender "fiado".

Nico Lopes faleceu em 1936, entretanto a marcha continuou a acontecer anualmente, com um tom de irreverência.

Com o passar dos anos, a Marcha ganhou "ares" de protesto, permitindo não só a manifestação de diferentes idéias, através da sátira e da crítica, como também as brincadeiras, similar ao carnaval de rua. Os estudantes passaram a percorrer o trajeto fantasiados, travestidos, carregando faixas, em blocos ou isoladamente, para se manifestarem.

Faziam parte das críticas, não só pessoas ou fatos ligados à realidade acadêmica, como professores e aulas ruins, padrões de comportamento, crenças e valores, mas fatos relativos à história política do país.

A característica principal da Marcha era a irreverência de seus participantes e suas manifestações. A cada ano havia maior empenho no sentido de caracterizar os blocos, intensificando o deboche. Era a forma que os estudantes encontravam para se expressarem e expor suas idéias sem sofrer represálias ou perseguições.

A ocorrência da Marcha sobreviveu à II Guerra, à ditadura de Vargas, e sofreu uma interrupção de 1968 a 1979. Durante esse período do governo militar, ela foi atingida pelas proibições resultantes do decreto 477. Foi reavivada a partir de 1979 como uma iniciativa do DCE. Segundo consta no boletim informativo do DCE daquele ano e nos jornais da época, a polícia investiu com cacetetes e bombas de gás lacrimogênio, contra cerca de três mil manifestantes, tentando reprimir com violência os estudantes que reativaram a Marcha. O protesto naquele ano era contra a posse do general Figueiredo na Presidência da República.

Apesar do longo período de não ocorrência da Marcha, onze anos, esta se tornou uma manifestação cultural de grande expressão, tanto na comunidade universitária, como na comunidade viçosense. Tornou-se cada vez mais um evento da cidade e não apenas dos universitários, levando os moradores às ruas quando a Marcha passava. Parafrazeando Chico Buarque, poderíamos dizer que *"o velho fraco se esqueceu do cansaço e pensou que' inda era moço pra sair no terraço e dançou (...) a Marcha alegre se espalhou na avenida e insistiu (...) minha cidade toda se enfeitou pra ver a Marcha passar, falando sobre o Doutor"*.

É fundamental ressaltar que os dados obtidos a respeito da história da Marcha, de Viçosa, bem como dos estudantes desde a criação da ESAV, permite-nos constatar que não havia espaço, naquela época, para manifestações que permitissem a expressão da comunidade em eventos culturais e de lazer, tais como as festas, o teatro e o cinema. Nesse sentido, pode-se considerar que a Marcha Nico Lopes surgiu como uma das formas, encontradas pelos próprios sujeitos, para preencher essa lacuna.

A Marcha Nico Lopes Hoje

Algumas modificações ocorreram ao longo dos anos de realização da Marcha.

Ela passou a ser organizada pelo Diretório Central dos Estudantes (DCE), órgão representativo da categoria na UFV, perdendo uma de suas características iniciais, que era o "trote" de recepção aos calouros.

A cada ano, a Marcha alcançava magnitude enquanto evento cultural e em relação ao número de participantes. Entretanto, há 15 anos, interesses políticos propiciaram uma mudança significativa nos aspectos que envolviam a Marcha.

Na administração do então prefeito Antônio Chequer, com o intuito de se auto-promover, utilizando o evento como propaganda política, foi oferecido aos organizadores da Marcha um trio elétrico para acompanhá-la. Com isso, o prefeito atendia em parte a sua filosofia de proporcionar "pão e circo" para a população da cidade.

Observa-se um outro fator de descaracterização da Marcha, que no seu início era animada por marchinhas tocadas pelo estudante Secundino e sua sanfona. Pode-se dizer que ela se transformou numa Micareta (carnaval fora de época).

Apesar da tentativa de apropriação dessa manifestação cultural por parte dos políticos locais, a Marcha tem mantido seu caráter de irreverência e crítica.

Atualmente, a Marcha Nico Lopes é realizada no mês de abril. São três dias de festa, sendo que a caminhada pela cidade acontece no primeiro dia. Os estudantes se reúnem em frente ao ginásio de esportes da UFV e descem em grande número para o centro de Viçosa.

Contudo, com a própria mudança dos valores sociais, a Marcha já não é vista com bons olhos pela comunidade viçosense. Não se percebe mais a antiga interação entre as comunidades, o que permitia aos moradores da cidade participarem ativamente do evento. Inúmeras vezes houve depredação de patrimônios históricos e locais públicos. Tais fatos fizeram com que os moradores ficassem contra a permanência dos manifestantes por um longo período no centro da cidade, e resultaram numa reivindicação por parte da população aos políticos locais, para que a Marcha não permanecesse na praça da Matriz após as 22:00 horas.

Diante desses acontecimentos, o DCE, a partir do ano de 1995, estabeleceu como meta o resgate do sentido/significado que deu origem à Marcha, buscando valorizar os tradicionais blocos com suas críticas irreverentes, característica que se perdeu com a introdução do trio elétrico. Desde então, ainda com a presença do trio e das bandas, que animam a Marcha, podem ser identificadas as primeiras reações quanto ao resgate histórico-cultural dessa manifestação local. Entretanto, ao mesmo tempo que um grupo tenta retomar as características originais, pode-se perceber que essa reação não é compartilhada por todos os estudantes, os quais em sua maioria querem a "festa Nico Lopes" e não mais a Marcha.

4

O que será, que será... da Nico Lopes?

Nos seus primórdios, a Nico Lopes reunia as características básicas, que são apontadas por MARCELLINO (1996), como aquelas norteadoras de uma vivência de Lazer: a opção, gratuidade, criatividade e a crítica. Esta última característica foi se acentuando ao longo dos anos na Marcha, permitindo que ela passasse, enquanto manifestação cultural, de um nível conformista para um outro criativo.

No entanto, foi a partir de sua institucionalização que houve sensível perda do sentido lúdico da Marcha para a comunidade viçosense. O que antes era um evento de conagração, que permitia uma aproximação entre as comunidades, passou a ser mais um motivo, dentre tantos outros, de afastamento de ambas.

Não se nota mais o mesmo entusiasmo com que era esperado anteriormente o acontecimento da Marcha. Se antes, à medida que ela passava pelas ruas, as pessoas saíam para vê-la e acompanhá-la, hoje os moradores, refugiam-se em suas casas e, quando possível, deixam a cidade.

Nitidamente identificamos dois grupos que se antagonizam em termos do que a Marcha significa. Um grupo entende que é preciso preservar a Marcha como expressão cultural de toda a comunidade, enquanto o outro compreende que as mudanças fazem parte do processo de "evolução" da Marcha e que, qualquer tentativa em outra direção, representa um retrocesso.

Isso nos remete à seguinte questão: será possível retomar essa construção histórico-cultural ou deve-se aceitar a "Festa Nico Lopes" tal como ela se apresenta hoje?

O que será da Marcha Nico Lopes?

Referências Bibliográficas

- FERREIRA, A. B. H. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro, RJ, Nova Fronteira, 1988.
- MARCELLINO, N. C. *Estudos do Lazer: uma introdução*. Campinas, SP, Autores Associados, 1996.
- MINAYO, M. C. de S. (org.) et al. *Pesquisa Social: teoria, método e criatividade*. Petrópolis, RJ, Vozes, 1994.

PANIAGO, M. do C. T. *Evolução Histórica e Tendências de Mudanças Sócio-Culturais na Comunidade de Viçosa-MG*. Dissertação de Mestrado. UFV, Viçosa, 1983.

_____. *Viçosa: mudanças sócio-culturais*. Viçosa, MG, Imprensa Universitária, 1990.

PIMENTEL, G. G. de A. *Representações Sociais e Experiências de Lazer entre os Jovens da Cidade de Viçosa*. Monografia. UFV, Viçosa, 1995.

MÁRIO FILHO: A "INESGOTÁVEL FONTE" DA REPETIDA HISTÓRIA DO FUTEBOL BRASILEIRO E SEUS CRENTES BEBEDORES

Antonio Jorge G. Soares¹

Quando pegamos a mão um artigo ou livro sobre o futebol brasileiro, onde a história de inserção deste esporte é descrita ou superficialmente mencionada, é quase certo que se encontre como referência o livro "O Negro no Futebol no Futebol Brasileiro", de Mário Filho. Muitos dos artigos atuais utilizam este texto como um manancial inesgotável de dados sobre o passado do futebol ou sobre as relações raciais neste esporte. A exaustiva utilização deste livro, como referência central, pode estar indicando duas coisas: uma ausência de levantamento de fontes e documentos sobre o passado deste esporte que se considera "brasileiro"; a outra, que os atuais estudiosos do futebol estão totalmente de acordo com a história narrada por Mário Filho. Acredito que essas duas possibilidades agregadas tenham feito do livro de Mário Filho uma referência central. Entretanto, sem entrar em grandes detalhes, pode-se dizer que "O Negro no Futebol Brasileiro" é um texto rico em detalhes, de agradável leitura, envolvente como um romance; onde a preocupação estética do autor é evidente. Como nos alerta Veyne (1982), existem semelhanças entre o gênero do romance e da história, contudo, a diferença reside no fato que a história não tem compromisso exclusivo com a estética literária, mas sobretudo com a possível verdade de uma determinada trama que tenha realmente ocorrido.

Apesar de acreditar que O Negro no Futebol Brasileiro assemelha-se mais ao gênero do romance, do tipo realista², pode-se observar que este texto é tratado como uma completa historiografia do futebol brasileiro³. Mesmo não considerando o texto em questão uma obra acadêmica do ponto de vista historiográfico, vou demonstrar como o uso da segunda edição de O Negro no Futebol Brasileiro levam os bebedores desta "fonte inesgotável" a mitologizarem a perspectiva histórica do "dono da fonte", Mário Filho. O objetivo deste artigo é demonstrar como o uso de fontes secundárias pode causar enganos e desvios interpretativos.

O Negro no Futebol Brasileiro foi publicado em sua primeira edição no ano de 1947 pela Pongetti Editores, a segunda edição deste livro saiu em 1964, pela Civilização Brasileira, acrescida de dois novos capítulos. Mário Filho diz que nesta segunda edição a ampliação do texto em nada implicaria na alteração daquilo que havia escrito em 1947.

Há de parecer estranho que sem ter que modificar nada do que escrevi, conservando intactas as quatro partes da primeira edição do O Negro no Futebol Brasileiro, a segunda surja aumentada e tenha a pretensão de definitiva (RODRIGUES FILHO, 1964)

Mário Filho, com orgulho, dizia que a resistência de sua obra ao tempo decorria do fato de que seu ensaio era mais insinuante do que conclusivo. Pois, não teria chegado a nenhuma conclusão, apenas teria fixado o penoso e longo processo de democratização do futebol no Brasil⁴. Estes

¹ Professor da Universidade Federal do Espírito Santo e doutorando na Universidade Gama Filho. Este artigo é parte dos meus estudos de doutorado que realizei sob a orientação do Prof. Hugo Lovisolo.

² Cf. Antonio Candido (1993).

³ Cf. Gordon Jr. (1995, 1996)

⁴ Cf. Rodrigues Filho (1964). Estes argumentos de Mário Filho estão nas Notas à Segunda Edição. Contudo, estes argumentos que pouco conclui ou apenas insinua e fixa um processo é deveras semelhante aos argumentos que se apresentam no prefácio da primeira edição de "Sobrados e Mucambos" de Gilberto Freyre.